

## COMUNICAÇÕES BREVES

### CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA PERSONALIDADE DE ADOLESCENTES SURDOS ATRAVÉS DO TPC DE MAX PFISTER

**CLÍNICA PSICOLÓGICA**  
Instituto de Psicologia

( Resumo da Dissertação apresentada ao Departamento de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da PUCCAMP – 1986 )

**Regina Maria de Souza**

No presente trabalho procurou-se analisar traços de personalidade de surdos com o emprego do TPC ( Teste das Pirâmides Coloridas de Max Pfister ).

Foi estudada uma amostra de 102 alunos deficientes auditivos, com idades variando entre 13 a 20 anos. Procurou-se caracterizar o grupo experimental através das seguintes variáveis: sexo, idade, religião, ordem de nascimento, etiologia e época da surdez, grau de perda auditiva, utilização ou não da prótese, nível intelectual, formas de comunicação dos surdos, reação dos pais frente a esta comunicação, nível de alfabetização, tamanho da família, renda familiar média, tipo de residência da família, indicativos de desagregação familiar e idade do sujeito quando estes ocorreram.

Na análise dos aspectos afetivo-emocionais dos surdos pelo TPC, foram considerados os resultados do grupo como um todo. Algumas variáveis medidas por este teste foram selecionadas para confrontar os escores dos sujeitos "mais surdos" ou "menos surdos" e com "melhor" ou "pior" desempenho intelectual.

Este teste projetivo permitiu a obtenção de vários traços de personalidade desses sujeitos. De uma forma resumida, destacaram-se: a existência de uma personalidade estruturalmente lábil e imatura, mais própria de etapas anteriores do desenvolvimento mental do que de adolescentes; ego estruturalmente enfraquecido e com defesas pouco eficientes; dificuldade de elaboração, insight e empatia; dificuldade de contato, de lidar com a efetividade e de expressar emoções e impulsos de maneira socializada.

Quando considerada a perda auditiva, notou-se que os indivíduos "mais surdos" parecem ter uma evolução do processo emocional menos satisfatória, e denotam ser mais superficiais em seus contatos afetivos do que aqueles "menos surdos". Por outro lado, há indicativos de que os "menos surdos" tenham maior dificuldade em manter o controle interno e maior enfraquecimento das defesas egóicas.

Em relação à inteligência, os indivíduos que apresentaram nível intelectual mais alto, parecem não se utilizar de repressões e controle natural de modo acentuado, enquanto que os sujeitos com menor nível intelectual utilizam-se mais de mecanismos repressores.

Acreditamos que os traços afetivos encontrados nos surdos, pelo TPC, devam ser analisados considerando-se todo o contexto psicossocial a que estão expostos, a fim de que sejam evitadas generalizações rotuladoras e superficiais que podem piorar ainda mais as condições que estes sujeitos encontram para serem pessoas social e psicologicamente integradas.

# O MÉDICO LIDANDO COM A MORTE: ASPECTOS DA RELAÇÃO MÉDICO-PACIENTE TERMINAL EM CANCEROLOGIA

**CLÍNICA PSICOLÓGICA**  
Instituto de Psicologia

( Resumo da Dissertação apresenta-  
da ao Departamento de Pós-Gradua-  
ção do Instituto de Psicologia da  
PUCCAMP – 1986 )

**Terezinha Eduardes Klafke**

Procuramos pesquisar os sentimentos e atitudes dos médicos cancerologistas frente aos seus pacientes terminais, investigando: 1) aspectos relativos à comunicação do diagnóstico ao paciente, 2) sentimentos dos médicos em relação a seus pacientes, 3) características dos pacientes com as quais têm dificuldade de lidar, 4) fatores relativos a “conversar” com pacientes terminais, 5) fatores relativos a “conversar” sobre morte e 6) uso de recursos “heróicos” para manter o paciente vivo.

A amostra foi composta de 30 médicos que trabalham em Campinas-SP, nas especialidades de Oncologia, Radioterapia e Hematologia. Usou-se como instrumento uma entrevista semi-estruturada, especialmente elaborada para este fim.

Verificamos em relação aos aspectos relativos à comunicação do diagnóstico ao paciente, que 40% têm por norma comunicar o diagnóstico, 23,3% têm por norma não comunicar e 36,7% se encontram em posição intermediária, comunicando em alguns casos e em outros não. Quanto ao momento de comunicar o diagnóstico, 46,1% optam por fazê-lo tão logo tenham o diagnóstico, 23,3% esperam o quadro avançar um pouco para comunicar algo, 6,7% não têm uma conduta definida quanto a este aspecto e 3,3% falam algo mesmo quando o diagnóstico ainda não está firmado. No que se refere a falar do tempo de sobrevivência, um grande número (56,6%) não fala para o

paciente e nem para os familiares, 16,7% não falam para o paciente mas comunicam o fato aos familiares, 10% falam para os pacientes e familiares e 16,7% falam em alguns casos.

Quanto aos sentimentos dos médicos em relação a seus pacientes, observamos que muitos se referem a mais de um tipo de sentimento. A maioria deles (80%) sente impotência, frustração, tristeza, revolta, pena, aborrecimento e/ou ansiedade ao lidar com pacientes terminais. Poucos (20%) descrevem sentimentos de alegria e felicidade por poder ajudá-los. Alguns (30%) conseguem manter uma "distância crítica" no seu relacionamento e outros (36,7%) não conseguem se envolver afetivamente com os pacientes, mantendo-se "a grande distância".

No que se refere às características dos pacientes com as quais têm dificuldade de lidar, 43,3% deles acham difícil lidar com pacientes que negam a doença e/ou não aceitam o tratamento. A metade (50%) tem dificuldade com pacientes que estão agressivos, rebeledes e/ou deprimidos, 20% sentem dificuldade quando o paciente tem expectativas sentidas como "erradas" em relação a eles, como o excesso ou a falta total de confiança e 43,3% apontam ainda outras características como dificultadoras do relacionamento. Também neste item, assim como no anterior, os médicos normalmente se referem a mais de uma característica.

Quanto aos fatores relativos a "conversar" com pacientes terminais, percebemos que a metade (50%) diz ter dificuldades de se relacionar com pacientes pelos quais podem fazer apenas um tratamento de suporte, devido, principalmente, à impotência que sentem diante destes casos. Alguns médicos (26,7%) não sentem dificuldade de se relacionar com este tipo de paciente e 10% dizem que isto depende de alguns fatores, como por exemplo a relação médico-paciente estabelecida.

Averiguando os fatores relativos a "conversar" sobre a morte, a metade dos médicos (50%) conversa sobre estes tema com os pacientes, se estes assim o desejarem. Alguns (16,7%) preferem não conversar sobre tal assunto, evitando-o. Um pequeno número deles (13,3%) gostaria de conversar sobre a

morte mas dizem nunca ter tido oportunidade de fazê-lo e 20% dos médicos não conversam sobre a morte com os pacientes quando estes tocam no assunto.

Quanto ao uso de recursos "heróicos" para manter o paciente vivo, a grande maioria dos médicos pesquisados (70%) não faz uso deles para manter vivo um paciente que está próximo ao óbito. Apenas 10% se posicionam totalmente contra a eutanásia passiva.

**CLINICA PSICOLOGICA**

Instituto de Psicologia

\*

**INVESTIGAÇÃO SOBRE VALORES  
A RESPEITO DO SER HUMANO  
PRESENTES EM PSICOTERAPEUTAS EM SUAS  
PRÁTICAS CLÍNICAS**

( Resumo da Dissertação apresentada ao Departamento de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da PUCAMP — 1986 )

**Almir Linhares De Faria**

A conceituação do ser humano tem sido, tradicionalmente, objeto da Filosofia. Com o estabelecimento, no século XIX, das ciências humanas, o discurso sobre o homem foi partilhado por diversas abordagens: a da Sociologia, a da Psicologia, a da Antropologia, etc. O ser humano, que predominantemente foi estudado pela Filosofia, passou a ser objeto, no final do século passado, da Psicologia como ciência. Não existe, porém, antagonismo entre Filosofia e ciência, antes complementariedade. Essa integração, no entanto, é complexa e muitas vezes conflitiva. A Filosofia é tida, por alguns, como um obstáculo

para a afirmação da ciência psicológica. Para outros, é recomendada como fundamental para o estabelecimento claro de pressupostos, com os quais a Psicologia, como ciência, trabalha. Somente assim ela poderá ter maior clareza sobre si mesmo e sobre seu objeto.

O que se observa, na prática dos psicólogos, é que as questões filosóficas têm ficado como um pano de fundo, meio obscuro, ofuscado pelas preocupações técnicas. Não se verifica, pois, uma ênfase na explicitação dos pressupostos ou crenças com as quais a Psicologia moderna trabalha.

Na prática profissional da Psicologia, uma das especialidades nas quais essa questão é mais emergente, é a Psicoterapia. Nela se lida muito direta e intimamente com o ser humano, tornando a questão do conceito sobre o ser humano e, por conseguinte, dos valores do psicoterapeuta sobre o homem, um problema relevante.

Esse trabalho procura pesquisar os valores sobre o ser humano presentes no psicoterapeuta e em sua prática. A partir de entrevistas com psicoterapeutas, foram analisadas respostas a questões acerca do ser humano, e encontraram-se cinco categorias principais de valores, que são referenciais importantes para o psicoterapeuta. Essas categorias se constituem em valores sedimentados histórica e culturalmente, e são as seguintes: Valorização da Ação, Valorização das Relações, Valorização da Pessoa, Valorização da Sensibilidade e Valorização do Conhecimento. Achou-se que as categorias não se apresentam de modo homogêneo. Elas comportam sub-categorias que podem receber valorizações diversas, dependendo do psicoterapeuta considerado. Verificou-se, também, através da análise das sub-categorias que a emergência dos valores do psicoterapeuta em sua prática clínica, não corresponde, necessariamente, aos valores por ele referidos teoricamente. A problemática que o cliente em Psicoterapia traz, contribui para que haja uma seleção de valores. Verificaram-se, também, diferentes amplitudes na forma de considerar o ser humano, evidenciadas pelas diversas formas

de valores, que variavam entre os psicoterapeutas entrevistados. Constatou-se, ainda, que há, por parte dos psicoterapeutas, uma ênfase no indivíduo e em sua integração pessoal.

As implicações desses dados, verificados a partir do material utilizado, indicam que a atividade psicoterapêutica não dispondo de uma reflexão antropológica sistematizada, pode ganhar maior consistência através da explicitação dos valores sobre o ser humano, presentes no psicoterapeuta e em sua prática clínica.

\*

**CLINICA PSICOLOGICA**  
Instituto de Psicologia

**EXPERIÊNCIAS DE VIDA ADULTA,  
MUDANÇAS SOCIAIS E CRIAÇÃO DE FILHOS,  
SEGUNDO DEPOIMENTOS DE PAIS E MÃES DE CRIANÇAS  
DE 2 A 5 ANOS**

( Resumo da Dissertação apresentada  
ao Departamento de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da  
PUCCAMP – 1986 )

**Sueli Aparecida Freire**

A partir de auto-relatos de 36 adultos na faixa de 24 a 44 anos, de nível de escolaridade médio e superior, mãe (28) e pais (8) de crianças de 18 meses a 5 anos, pretendeu-se analisar suas experiências e seus sentimentos referentes à parentalidade e à vida adulta, vividos numa época de rápidas mudanças sociais. Foram focalizados: experiências atuais de parentalidade e de vida adulta; conteúdos avaliativos sobre a parentalidade; experiências e conteúdos avaliativos sobre as mudanças de valores sociais; sentimentos referentes à vida adulta.

O instrumento para a coleta de dados foi um questionário contendo 72 questões. As entrevistas foram gravadas e as respostas transcritas, categorizadas, tabuladas e analisadas segundo as 4 áreas e 5 sub-áreas do questionário.

Segundo os relatos dos sujeitos: 1) a presença de filhos ocasionou experiências de afastamento em relação a relações sociais, conjugais e profissionais; 2) a troca de experiências sobre educação de filhos serve como ocasião para esclarecimento de dúvidas mas não de mudança no modo de agir; 3) o estabelecimento de normas disciplinares e limites é tarefa importante na socialização da criança pequena; 4) o não-cumprimento do estabelecido pela criança é ocasião para reassseguramento da norma e da autoridade dos pais; 5) os pais se sentem seguros em relação a explicar e garantir o cumprimento de normas e limites; 6) sentem-se seguros em relação à transmissão para a criança, de valores sociais sobre sexo, papéis de gênero, casamento e família e respeito ao outro; 7) educar filhos era mais fácil no tempo de seus pais devido ao uso de autoritarismo e imposições dos pais sobre os filhos; 8) a educação de filhos na atualidade é influenciada pelos movimentos de mudança de valores sociais, como a Revolução Sexual e o Feminismo, pelo avanço no campo científico-tecnológico e pelas informações veiculadas pelos meios de comunicação; 9) a leitura de textos de Psicologia e Educação é o meio de informação sobre educação de filhos mais procurado pelos sujeitos, para esclarecimento de dúvidas; 10) a parentalidade tem mais pontos positivos do que negativos e representa mais ganhos do que perdas; 11) as auto-avaliações como pais apresentaram simultaneamente aspectos positivos e negativos; 12) os valores em relação a sexo e papéis de gênero são vistos como estando em processo de mudança e redefinição enquanto que casamento, família e respeito ao outro, embora atualizados, são vistos como tendo a mesma importância que tiveram no passado; 13) os sujeitos mostraram-se favoráveis aos movimentos de mudança de valores sociais mas sem radicalismos; 14) sentem-se satisfeitos e auto-realizados e, ao mesmo tempo, não realizados profissionalmente; 15) em relação ao desempenho do papel de

pais também indicaram sentimentos positivos, como auto-realização e satisfação, e sentimentos negativos, como insegurança e conflito decorrente da divisão entre as demandas da família e do trabalho.

\*

## DEPOIMENTOS DE PAIS E MÃES COM REFERÊNCIA À PARENTALIDADE E À VIDA ADULTA, POR OCASIÃO DA SAÍDA DOS FILHOS DE CASA

( Resumo da Dissertação apresentada ao Departamento de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da PUCAMP – 1986 )

Sonia El Haouli

A partir de depoimentos de 20 mães, de 46 a 66 anos e de 11 pais, de 52 a 72 anos de idade, pretendeu-se analisar experiências e sentimentos relativos à parentalidade e à vida adulta, por ocasião da saída dos seus filhos adultos de casa. Foram avaliados: Preparação dos pais para a saída de seus filhos de casa; Sentimentos com relação à concretização da saída dos filhos de casa; Relação dos pais com a profissão; Relação atual e anterior dos pais com os filhos; Relação atual com o cônjuge; Lembranças.

O instrumento para a coleta de dados foi um questionário contendo 27 questões. As entrevistas foram gravadas e as respostas transcritas, tabuladas e analisadas, segundo cada questão e área do questionário.

Os dados indicaram que a saída dos filhos, de casa ocasionou para os sujeitos desta pesquisa: 1) mais sentimentos

de perda do que de ganho para as mães, com poucas diferenças entre as que declararam sentirem-se preparadas e não preparadas. Enquanto isso, todos os pais relataram estar preparados, mas não relataram sentimentos de ganho; 2) sentimentos de ambivalência na maioria dos relatos apresentados em relação à questão; 3) a maioria dos relatos de sentimentos em relação à separação eram estereotipados; 4) houve mudanças no vínculo com o filho e com o cônjuge com relatos de melhora no relacionamento para a maioria das mães. A maioria dos pais relatou não ter ocorrido alteração; 5) a maioria das mães disse ter procurado compensação em atividades fora do lar; 6) a maioria das mães e pais apresentaram culpa e auto-avaliação negativas de seu desempenho enquanto pais e mães, principalmente as viúvas e as profissionais; 7) a maioria dos pais e mães relatou lembranças com relação aos filhos quando pequeno, com relação a seus pais e à sua própria saída de casa.

De um modo geral os dados forneceram apoio à hipótese de que a saída dos filhos de casa é um momento de transição na vida dos pais, implicando em novas adaptações e em conflitos. No entanto, as soluções dependem de fatores individuais e sociais que afetam e afetaram o desenvolvimento da identidade dos pais.

\*

## DINÂMICA DAS RELAÇÕES FAMILIARES E PERTURBAÇÕES NO PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO DE MENINOS COM O PAPEL SEXUAL MASCULINO

( Resumo da Dissertação apresentada ao Departamento de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da PUCAMP – 1986 )

**Marcionila Rodrigues da Silva Brito**

Estudo psicológico-clínico a respeito da influência da dinâmica das relações familiares no surgimento de perturbações

no processo de identificação de meninos com o papel sexual masculino.

Procedeu-se pelo diagnóstico de tipo compreensivo, de cinco sujeitos do sexo masculino, na faixa etária de 7 a 13 anos; a respeito dos quais os pais e/ou responsáveis apresentavam queixas sugestivas da perturbação em estudo, como maneirismos femininos, relacionamento homossexual, dentre outros. Os sujeitos eram de diversos níveis sócio-econômicos. Utilizou-se entrevistas abertas e, semi-estruturadas, procedimento desenhos-estórias e teste de Apercepção infantil-C.A.T. Evidenciou-se a existência de 13 fatores etiológicos, no âmbito da dinâmica das relações familiares, como por exemplo pai ausente, fraco, omissivo e mãe dominadora e castradora, mãe simbiotizada com o filho; que combinados entre si conduzem à identificação de meninos com a figura materna e com o papel sexual feminino.

\*

## PSICOTERAPIA EM GRUPOS COM CRIANÇAS

( Resumo da Dissertação apresentada ao Departamento de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da PUCAMP – 1986 ).

**José Antonio Jaco Argumedo**

Slavson, como pioneiro da Psicoterapia de grupo com crianças, possibilitou a realização de muitas pesquisas baseadas em seus princípios, que posteriormente levaram a outros conceitos sobre objetivos, características, condições e formas de tratamento em diversas populações,

Baseada no material já existente, a presente pesquisa descreve uma experiência de um trabalho desenvolvido numa clínica para crianças de famílias de escassos recursos financeiros.

Tendo como objetivo as mudanças apresentadas pelas crianças, descreve-se o que ocorreu num grupo de cinco crianças entre cinco e seis anos de idade durante o primeiro ano de tratamento, registrando-se alguns elementos após cada sessão.

Faz-se uma breve descrição do que aconteceu em cada sessão e finalmente uma análise sobre as mudanças de cada sujeito e do grupo.

\*

### **AUTO-CONCEITO E SEXUALIDADE NA OPINIÃO DE PESSOAS PORTADORAS DE DEFICIÊNCIA FÍSICA**

( Resumo da Dissertação apresentada ao Departamento de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da PUCCAMP – 1986 ).

**Hilda Maria Aloisi**

A deficiência física é algo presente em todas as partes do mundo. As sociedades modernas parecem mais preocupadas atualmente com os problemas advindos dessa condição, numa tentativa de aproveitar as potencialidades da pessoa que a porta, a fim de aproximá-la ao máximo da "normalidade". A área sexual, contudo, não tem sido suficientemente explorada, nem incluída uma orientação, voltada para o ajustamento nesse aspecto, em todos os programas de reabilitação, necessariamente. No Brasil, então, essa perspectiva parece ainda muito remota.

O presente estudo objetivou investigar uma possível relação entre o auto-conceito do deficiente físico e sua postura frente à sexualidade. Os sujeitos desta pesquisa foram dez pessoas portadoras de deficiências ortopédicas congênicas, ou adquiridas até um ano de idade, pertencentes a ambos os sexos e localizados numa faixa etária de vinte a quarenta anos de idade. Foram utilizados dois instrumentos de medida: uma Escala de Auto-Percepção, constituída a partir de uma adaptação da Escala Fatorial de Autoconceito (EFA), de Ávaro Tamayo: um questionário de opiniões sobre sexualidade e deficiência física, baseado numa combinação dos Relatórios Hite ( Masculino — Feminino ) com o Index of Sexual Adjustment (ISA), de Berkman et alli.

Em um primeiro momento, foi solicitado aos sujeitos que escolhessem em cada par de adjetivos bipolares, de trinta e dois pares apresentados, e atribuíssem pontos de zero a três a um dos adjetivos, que melhor traduzisse o que julgavam ser a opinião dos outros sobre eles e aquilo que pensavam a respeito de si próprios. Em seguida, os sujeitos, responderam vinte e cinco perguntas relativas a opiniões sobre sexualidade e deficiência. Os dados colhidos não foram submetidos a um tratamento estatístico demográfico, por se tratar de um estudo com número limitado de sujeitos, o que o caracteriza como estudo de casos. Dessa forma, os dados foram tratados em termos de média aritmética e percentual.

A análise dos resultados indicou que:

1. Não parece haver uma relação entre o auto-conceito e a visão de sexualidade dos sujeitos;
2. Os sujeitos mostraram um auto-conceito muito positivo e suas opiniões não parecem apontar nenhum problema de postura frente à sexualidade.

Tais conclusões podem sugerir que:

1. Os sujeitos estariam respondendo muito mais em função de papéis de gênero, do que da dicotomia "deficiência" — não deficiência", uma vez que a condição física defeituosa não pareceu estar dirigindo seu comportamento verbal;

2. Os sujeitos estariam negando a deficiência e suas respostas refletiriam, na verdade, aquilo que eles gostariam de ser, para não enfrentarem a rejeição social;
3. Os sujeitos poderiam estar descrevendo experiências reais positivas, devido ao fato de pertencerem a um meio provido de recursos, cujas contingências reforçam e mantêm seu ajustamento, inclusive na área social;
4. A amostra não seria representativa da população deficiente.

Pesquisas futuras mais extensas devem ser desenvolvidas e poderiam incluir outros tipos de deficiência física, ou uma comparação de opiniões entre deficientes e não deficientes. Ajustamento pleno de indivíduos incapacitados fisicamente pode levá-los a se integrarem e, assim, serem mais úteis a nossa sociedade.

\*

## UMA CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA VIOLÊNCIA ATRAVÉS DO PSICODIAGNÓSTICO DE RORSCHACH

( Resumo da Dissertação apresentada ao Departamento de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia DA PUCCAMP – 1986 ).

Jurema Leão Monte Arraes Tonelli

Este trabalho pretendeu ampliar e aprofundar as pesquisas realizadas anteriormente pelo Departamento de Pós-Gra-

duação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

É feita uma revisão sobre as principais teorias que pretendem explicar a violência, e relacionadas algumas pesquisas realizadas sobre a agressão.

Em 45 sujeitos do sexo masculino, que cumpriam pena na Cadeia Pública de Uberlândia-MG, foram aplicados: a) O Teste de Inteligência não-Verbal de Pierre Weil; b) O Questionário Individual elaborado por Lipp e Monte Serrat; c) O Psicodiagnóstico de Rorschach. Seis Juízes de Direito e Promotores de Justiça, de acordo com os delitos cometidos, classificaram os sujeitos em três sub-grupos: A) extremamente violentos; B) moderadamente violentos e C) os que apresentavam uma violência branda.

Analisando-se os dados obtidos, em função dos objetivos estabelecidos, torna-se possível estabelecer as seguintes conclusões:

Considerar os presidiários do subgrupo C ( Violência Branda ) com desempenho intelectual superior aos dos presidiários dos subgrupos B e A ( Moderadamente e Extremamente Violentos ).

Caracterizar as condições sócio-familiares, através do Questionário Individual, dos presidiários do Subgrupo A como mais desfavoráveis que as apresentadas pelos subgrupos B e C, principalmente quando se compara as condições dos subgrupos AxC.

Observou-se que as variáveis, no Psicodiagnóstico de Rorschach, que mais se relacionaram com a violência intensa ( subgrupo A ) foram: Tempo Total elevado, T/RM elevado; F% elevado; F - % estendida elevado; H% elevado; Determinantes elevado; ausência de diversidade de conteúdos; maior Síndrome de Angústia; maior Imaturidade Afetiva; ausência do Controle Socializado da Afetividade, assim como maior ausência de Controle dos Impulsos. O subgrupo A apresenta, ainda, resultados significativamente mais acentuados de respostas com conteúdos agressivos ( nas categorias propostas por Towbin; Townsend;

Sommer & Sommer; Murstein ) que os dos demais subgrupos. A análise desses dados sugere que esses presidiários apresentam-se, portanto, mais susceptíveis de possuírem desvios de personalidade mais acentuados que os presidiários menos violentos, assim como apresentam-se, no Psicodiagnóstico de Rorschach, mais agressivos, impulsivos e com menos recursos para lidar, com suas emoções, de forma adequada.

A análise dos dados indica, pois, que subgrupos de presidiários que cometem diferentes tipos de crimes violentos podem ser distinguidos com base em certos aspectos, tais como o desempenho intelectual, as suas condições sócio-familiares assim como as suas respostas ao Psicodiagnóstico de Rorschach.

Outras análises, discussões e interpretações poderiam ter sido realizadas, entretanto, dentro dos limites dos objetivos propostos no presente trabalho, acredita-se ter contribuído, mesmo que modestamente, para o estudo da violência, através do Psicodiagnóstico de Rorschach.

\*

## O COMPORTAMENTO DA MULHER NA SOCIEDADE ATUAL: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE AS OPINIÕES E ATITUDES DAS PESSOAS FRENTE AO TEMA

( Resumo da Dissertação apresentada ao Departamento de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da PUCCAMP – 1986 ).

**Lylian Cristina Pilz Penteado**

As opiniões e atitudes de 104 universitários na faixa etária de 20 a 36 anos, residentes em Campinas, Valinhos e

Vinhedo, sobre o comportamento da mulher na sociedade atual, foram levantadas através da aplicação de um questionário com 26 perguntas que abordaram temas sobre papéis da mulher e do homem no mercado de trabalho e na política e sobre os direitos e deveres de ambos dentro do âmbito familiar, com relação à divisão de tarefas domésticas e à sexualidade.

Os resultados mostraram que houve uma tendência geral da amostra para expressar opiniões e atitudes favoráveis e a uma igualdade de direitos e oportunidades entre os sexos. Isto é, a opinião da maioria foi de que a mulher pode participar do mercado de trabalho e da política, tanto quanto o homem, tendo, ao mesmo tempo, o direito de contar com ele na divisão de responsabilidades domésticas. A análise dos dados quanto aos direitos na área sexual revelou igualdade entre os sexos. O estado civil pareceu ser uma variável que interage com a opinião e atitude dirigida ao sexo, visto que homens solteiros e mulheres casadas concordaram com valores mais tradicionalistas.

Homens expressaram opiniões mais positivas que negativas, dentre uma lista de afirmações apresentadas sobre a mulher de hoje.

Ao avaliar o homem de hoje, as mulheres expressaram opiniões tanto positivas quanto negativas. Sendo que as últimas foram mais freqüentes entre as mulheres que trabalhavam fora de casa.

A auto-crítica do homem foi mais freqüentemente negativa que positiva, com ênfase nesta situação entre os homens solteiros.

A auto-crítica feminina mostrou-se mais positiva, porém as mulheres que trabalhavam fora apresentavam maior número de críticas positivas e negativas do que as que não trabalhavam.

Finalmente a amostra auto-descreveu-se, em sua maioria, como sendo moderada, ou seja nem tão liberal, nem conservadora.

\*

**CLINICA PSICOLOGICA**  
Instituto de Psicologia